

UMA ANÁLISE DA CRÔNICA “O RIO DA VIDA”, DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ, SOB A PERSPECTIVA DO ANTROPOCENO

Raysa Barbosa Corrêa Lima Pacheco¹

Resumo

O colombiano Gabriel García Márquez (1927-2014), assim como outros escritores do *boom* da literatura latino-americana na segunda metade do século XX, começou sua carreira profissional como jornalista, sobretudo compondo crônicas, pelas quais sentiu-se livre para contar as emoções humanas e o impacto de forças impessoais, como a tecnologia e a crise econômica na vida das pessoas. Nesse sentido, este trabalho visa analisar a crônica “O rio da vida” sob a perspectiva da problemática ambiental e do Antropoceno, a fim de promover reflexões de ordem cultural, política e ecossistêmica voltadas especialmente para o contexto latino-americano. A metodologia que norteia este estudo é o método indiciário, exposto por Carlo Ginzburg (1989), que entende que o trabalho sobre um texto se compara ao de um detetive, no qual a interpretação centra-se sobre resíduos e dados marginais, que são considerados reveladores. Dessa forma, a pesquisa tem caráter eminentemente bibliográfico, cujas análises mesclam o aparato teórico ao texto literário de forma reticular, sem divisão entre teoria e análise. A partir de análise da crônica, conclui-se que a obra jornalística de Márquez, entremeada por suas histórias e vivências pessoais na Colômbia, tem o potencial de abordar muitas das problemáticas da América Latina, região que guarda até hoje as consequências de seu passado. Assim, “O rio da vida”, embora esteja voltada especificamente para o contexto do rio colombiano Magdalena, é o retrato da situação de descaso ambiental com muitos outros cursos de água de todo o planeta.

Palavras-chave: Crônica. Antropoceno. Gabriel García Márquez.

AN ANALYSIS OF THE CHRONICLE “THE RIVER OF LIFE” BY GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ FROM THE PERSPECTIVE OF THE ANTHROPOCENE

Abstract

The Colombian writer Gabriel García Márquez (1927-2014), along with other authors of the Latin American literature boom in the second half of the 20th century, began his professional career as a journalist, primarily composing chronicles through which he felt free to depict human emotions and the impact of impersonal forces such as technology and economic crisis on people's lives. In this sense, this work aims to analyse the chronicle "The river of life", from the perspective of environmental issues and the Anthropocene, in order to promote reflections on cultural, political, and ecosystemic matters, particularly focused on the Latin American context. The methodology that guides this study is the evidentiary paradigm, exposed by Carlo Ginzburg (1989), who understands that the work on a text is compared to that of a detective, in which the interpretation focuses on residuals and marginal data that are revealing. In this way, the research has an eminently bibliographic character whose analyses merge the theoretical apparatus with the literary text in a reticular way, without any division as regards theory and analysis. Based on the analysis of the chronicle, it is concluded that Márquez's journalistic work,

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia (2016). Possui graduação em Letras Português/Espanhol pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (2011), onde realizou pesquisas de iniciação científica relacionadas à Literatura e espacialidade (topoanálise). ORCID <<https://orcid.org/0000-0001-5060-3609>> E-mail: raysa_pacheco@hotmail.com

interspersed with his personal experiences in Colombia, has the potential to address many of the problems of Latin America, a region that still bears the consequences of its past. Therefore, “The river of live”, although specifically focused on the context of the Colombian Magdalena River, serves as a portrayal of the environmental neglect situation affecting many other watercourses across the planet.

Keywords: Chronicle. Anthropocene. Gabriel García Márquez.

1 INTRODUÇÃO

O escritor colombiano Gabriel García Márquez (1927-2014), ganhador do Nobel de Literatura em 1982, é reconhecido mundialmente por seus romances de maior repercussão literária, como *Cem anos de solidão* (1967) e *O amor nos tempos do cólera* (1985). De acordo com a pesquisadora portuguesa Margarida Borges (2011), Márquez, juntamente com Juan Rulfo e Miguel Ángel Asturias, é considerado um dos autores que mais contribuiu para o *boom* da literatura latino-americana na segunda metade do século XX, especialmente nas décadas de 1960 e 1970, fazendo parte do grupo que se destacou sob a ótica do realismo mágico. Borges (2011) ainda indica que, na recepção inicial dos autores do *boom* na Europa Ocidental, literatura latino-americana era sinônimo de realismo mágico, sinonímia esta derivada da relevância do movimento para o contexto do continente. Por isso, o nome de Márquez é muitas vezes automaticamente associado a essa corrente, o que faz com que grande parte dos estudos acerca de sua obra gire em torno desse aspecto.

No entanto, Márquez, da mesma forma que outros escritores do *boom*, como Mario Vargas Llosa, Carlos Fuentes, Alejo Carpentier e Julio Cortázar, começou sua carreira profissional, ainda na juventude, como jornalista. Em seus escritos jornalísticos, de acordo com Heloiza Golbspan Herscovitz (2004), prevalece um estilo que rejeita a razão com descrições quase sobrenaturais da realidade, as quais os distancia do cânone dos jornais que estabelecem a objetividade como ideal discursivo. Isso porque Márquez não se interessa pela lógica da realidade e sente-se livre para contar as emoções humanas e o impacto de forças impessoais, como a tecnologia e a crise econômica, na vida das pessoas.

Uma amostra da produção jornalística marqueziana foi compilada por Cristóbal Pera no livro *O escândalo do século*, lançado no Brasil em 2020. O livro reúne cinquenta textos publicados em jornais e revistas entre os anos de 1950 e 1984 que, segundo nota do editor, evidenciam a latente “[...] tensão narrativa entre jornalismo e literatura, em que as costuras da realidade se estend[e]m por seu incontrolável impulso narrativo, oferecendo aos leitores a possibilidade de desfrutar uma vez mais do ‘contador de histórias’ que foi García Márquez”

(Pera, 2020, p. 18-19). Nesses textos, o escritor colombiano passeia por acontecimentos marcantes da segunda metade do século XX, local e internacionalmente, como a corrida espacial entre Estados Unidos e União Soviética; a vida pessoal de celebridades da época, como James Dean, Sophia Loren e Ingrid Bergman; acontecimentos políticos em torno da rainha Elizabeth, de Fidel Castro e de Nikita Krushev; o drama da falta de água em Caracas, em 1958; a misteriosa morte de uma moça italiana, cuja história dá título ao livro.

Embora a produção jornalística de Márquez seja ampla e significativa, vale ressaltar que tem ganhado menor atenção da crítica em comparação aos seus romances mais conhecidos; as pesquisas voltadas para o jornalismo marqueziano pouco enfocam suas diversas crônicas porque costumam abarcar as obras resultantes de trabalhos investigativos e que ganharam certa fama entre a sua produção, como o caso de *Relato de um naufrago*. Por isso, refletir sobre as crônicas de Márquez é adentrar um terreno menos conhecido e explorado dentro da obra do autor e descobrir facetas até então pouco evidenciadas.

Sob esse viés, nesta reflexão nosso interesse reside em analisar a crônica jornalística “O rio da vida”, que compõe a coletânea *O escândalo do século*, na qual as problemáticas ambientais são suscitadas no contexto dos anos 1980 e as atitudes humanas são postas em xeque enquanto desencadeadoras da poluição fluvial na Colômbia. Visto que, na contemporaneidade, a questão do meio ambiente é crucial não apenas nos debates das ciências biológicas, como também das ciências humanas, é pertinente analisar como as reflexões em torno do assunto já eram emergentes algumas décadas atrás. Diante desse cenário, buscamos discutir o conceito do Antropoceno, que tem ganhado maior destaque nos meios de comunicação, deixando de ser um debate estritamente científico para obter espaço também entre o público leigo.

Dessa maneira, a abordagem de uma crônica pouco explorada pela crítica marqueziana tem o potencial de mostrar uma faceta diferente de Márquez: a de um cidadão preocupado e incomodado com a deterioração ambiental e com a falta de iniciativas públicas para contornar o problema. A partir da visibilidade do autor no final do século XX, existiu uma possibilidade de alcançar muitos leitores de jornais e, por conseguinte, promover certa conscientização social. Ademais, a ausência de pesquisas em torno de “O rio da vida”, inclusive que levem em conta a questão ambiental e a preservação dos cursos de água, fazem deste debate uma contribuição para as discussões sobre como as crônicas abordam aspectos do tempo de sua produção que podem ser revisitados em outros contextos.

Para promover a análise, o método indiciário, exposto por Carlo Ginzburg (1989), norteou este estudo. O método indiciário entende que o trabalho sobre um texto se compara ao

de um detetive, pois a interpretação centra-se sobre os resíduos e sobre os dados marginais, que são considerados reveladores. Assim, são os pormenores, considerados sem importância e triviais, que poderão fornecer chaves interpretativas para que o leitor “vasculhe” e gere sentidos possíveis a partir da narrativa. As ciências humanas, com seu advento nos séculos XVIII e XIX, assumem o paradigma indiciário por acreditarem que esses indícios mínimos permitem decifrar zonas opacas de uma realidade, revelando fenômenos mais gerais, como a visão de mundo de uma classe social, de um escritor, de uma sociedade. Não existem regras formais nesse método, predominando, assim, elementos como o faro, o golpe de vista, a intuição. Desse modo, com a metodologia indiciária, procuramos valorizar os pormenores, aparentemente irrelevantes, que puderam colaborar com a construção de sentidos na crônica marqueziana.

Assim, com a análise de “O rio da vida”, será possível construir reflexões de ordem cultural, política e ecossistêmica voltadas especialmente para o contexto latino-americano. Néstor García Canclini (2008), em *Latino-americanos à procura de um lugar neste século*, disserta sobre a condição de não-lugar em que se encontram os povos latino-americanos devido a uma aparente falta de identidade única entre os países pertencentes à América Latina. Entretanto, para o autor, a arte é capaz de unificá-los, sob suas diversas formas de manifestação, como a música, o cinema, a literatura, as quais, muitas das vezes, deslocaram-se das experimentações culturais de circuitos de consagração modernizadora e cosmopolita para ásperos cenários de denúncia e de protesto político, social e econômico. Por esse motivo, pensar esse contexto, ao qual pertence Márquez e o próprio Brasil, é uma oportunidade de rever nossas mazelas, as quais têm o potencial de nos unir.

2 MAGDALENA: O “RIO DA VIDA” NAS MEMÓRIAS DE MÁRQUEZ

A discussão e a tentativa de trazer à tona as temáticas relativas ao território latino-americano, como sua história, sua situação no mundo e a própria problemática da identidade entre seus povos, está presente nas obras de vários escritores nascidos em regiões que se encontram inseridas nesse contexto, como é o caso de Gabriel García Márquez. Em seu famoso discurso *La soledad de América Latina*, proferido em 1982, quando o colombiano recebeu o prêmio Nobel em Estocolmo, na Suécia, Márquez comenta sobre o caráter mítico que sempre foi atribuído ao continente, ao expor o que escreveu Antonio Pigafetta, navegador que acompanhou Fernão de Magalhães em sua viagem à América, sobre a fauna da região: “Contó

que había visto cerdos con el ombligo en el lomo, (...) alcatrazes sin lengua cuyos picos parecían una cuchara. Contó que había visto un engendro animal con cabeza y orejas de mula, cuerpo de camello, patas de ciervo y relincho de caballo”² (Márquez, 2010, p. 9).

Para Márquez, o delírio dos nossos colonizadores, que além da percepção demoníaca sobre a fauna americana perpassa por outros mitos, como a procura pela cidade de *El Dorado* e pela fonte da *Eterna Juventud*, perseguiu o povo latino até pouco tempo. Este, mesmo depois de conseguir a independência política do domínio espanhol, continuou refém da “demência” (palavra utilizada pelo escritor) com a implantação de ditaduras cruéis e duradouras espalhadas ao longo do continente. Ao comentar sobre o número de mortos e desaparecidos durante os regimes ditatoriais, o colombiano explica que a busca de uma identidade própria é, para a América Latina, tão árdua e sangrenta como fora para os europeus em seu passado, ao comentar que o território europeu se constituiu da mescla de diversos reinos com culturas, línguas e condições ambientais diferentes, mas hoje seus povos unem-se, quase que completamente, sob o mesmo bloco econômico.

Nesse contexto, a obra de Márquez abre a possibilidade de trazer à tona as problemáticas da América Latina, a discussão de seus problemas identitários, sociais, políticos, econômicos e ambientais através de narrativas que metaforizam essa condição do não lugar latino-americano, como é o caso de *Cem anos de solidão*. Macondo, o povoado fictício onde se passa o enredo, descrito como uma aldeia de vinte casas construídas com barro e cana à beira de um rio, é apontado pelo estudioso colombiano Angel Marcel (2010) como uma metáfora da própria América Latina:

La insularidad de Macondo, como un infierno tropical cercado por la selva y lejos del mar de las Antillas, prefigura el aislamiento de nuestra América Latina, lejos del concierto del mundo y las naciones y en perenne lucha – sin espera y sin esperanza – por conciliar el decurso de los tiempos con su historia estancada, historia de soledad, olvido y muerte (Marcel, 2010, p. 97)³.

Assim, percebe-se como a literatura latino-americana encontra-se disposta a discutir sobre sua própria origem, sobre seu espaço diante das demais nações do mundo, sobre como é vista e encarada por outras culturas. Um exemplo dessa representação é efetuado por Gabriel

² “Contou que havia visto porcos com o umbigo no lombo, (...) alcatrazes sem língua cujos bicos pareciam uma colher. Contou que havia visto um animal com cabeça e orelhas de mula, corpo de camelo, patas de cervo e relincho de cavalo” (Márquez, 2010, p. 9, tradução nossa).

³ “A insularidade de Macondo, como um inferno tropical cercado pela selva e longe do mar das Antilhas, prefigura o isolamento da nossa América Latina, distante dos acontecimentos do mundo e das nações e em constante luta – sem espera e sem esperança – para conciliar a sucessão dos tempos com sua história estancada, história de solidão, esquecimento e morte” (Marcel, 2010, p. 97, tradução nossa).

García Márquez na crônica “O rio da vida”, publicada em 25 de março de 1981 no jornal *El País*, de Madri. Nela, o colombiano volta no tempo, aos recônditos de sua memória e, aos 54 anos, recorda sua juventude, quando viajava duas vezes por ano pelo rio Magdalena⁴, na Colômbia, até Puerto Salgar. De lá, ele tomava um trem rumo a Bogotá, onde ia estudar.

Sobre a crônica, é importante ressaltar que ela se encontra em posição fronteira entre o jornalismo e a literatura. Segundo o crítico brasileiro Antônio Candido (1992), esse tipo de texto é considerado um gênero menor, em oposição aos escritos literários social e criticamente mais valorizados, como o romance, a poesia e a dramaturgia. Entretanto, Candido destaca o aspecto positivo da pequenez da crônica, pois, dessa forma, ela se torna mais próxima do leitor e de sua realidade, adquirindo o potencial de se ajustar à sensibilidade do cotidiano. Com ênfase a assuntos aparentemente soltos e desnecessários, sua linguagem aproxima-se da naturalidade e da despreensão, o que a torna mais humanizada e apta a atingir significados mais profundos.

Dessa forma, de acordo com o crítico brasileiro, a crônica afasta-se do estilo monumental e grandiloquente para reestabelecer a dimensão das coisas e das pessoas e, no lugar de um cenário excelso, faz uso do que é miúdo para exibir uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitada. Ao comentar que o gênero não tem a intenção de durar, “uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa” (Candido, 1992, p. 14), Candido também destaca o fato de a crônica poder adquirir diferentes formas, que podem ser mais diretas ou mais fantásticas.

No caso de “O rio da vida”, estamos diante de uma variante mais direta do gênero, que mescla as experiências pessoais de Márquez a descrições da paisagem e do território colombianos. A partir de suas recordações, repletas de saudosismo e afetividade, destacam-se as menções à natureza e aos animais, características marcantes da viagem pelo rio Magdalena:

As viagens eram lentas e surpreendentes durante o dia, e nós, passageiros, nos sentávamos no convés para ver a vida passar. Víamos os jacarés que pareciam troncos de árvores na margem, com as bocarras abertas, esperando que alguma coisa caísse dentro para comer. Viam-se as multidões de garças que alçavam voo assustadas pelo rastro de espuma do navio, os bandos de patos selvagens dos pântanos interiores, os cardumes intermináveis, os manatis que amamentavam suas crias e gritavam como se cantassem nas praias grandes. Às vezes uma bafurada nauseabunda interrompia a sesta, e era o cadáver de uma vaca afogada, imensa, que descia quase imóvel ao cabo da correnteza com uma ave de rapina solitária parada em seu ventre. Ao longo da viagem, despertava-se ao amanhecer, aturdido pelo alvoreço dos micos e pelo escândalo dos periquitos (Márquez, 2020, p. 262).

⁴ O Magdalena é o principal rio da Colômbia, com cerca de 1.543 quilômetros de extensão. Nasce no departamento de Huila e atravessa o país do sul ao norte, desaguando no Mar do Caribe, a 7,5 quilômetros de Barranquilla. Sua bacia ocupa cerca de 24% do território continental do país.

No excerto anterior, Márquez compõe a fauna que vivia no rio Magdalena e em suas margens na década de 1940, com exemplares de animais típicos do clima colombiano, um país tropical, onde diversas espécies de peixes, répteis, aves e mamíferos dividiam o mesmo espaço segundo uma harmonia natural, respeitando a organização da cadeia alimentar e, aparentemente, sem muita intervenção humana. Outro ponto interessante é a presença de vários substantivos que remetem à ideia de coletividade ou de grandes quantidades: multidões, bandos, cardumes, alvoroço, escândalo. Essas escolhas linguísticas do narrador comprovam que os animais não eram escassos e, por estarem presentes naquele ambiente em abundância, infere-se que se encontravam em condições propícias para sua reprodução e sobrevivência, em um certo equilíbrio entre as forças humanas e as forças da natureza.

Entretanto, em sua última viagem pelo Magdalena, em 1948, Márquez presenciou uma cena que antecipava a mudança de curso naquele ambiente aparentemente equilibrado:

Uma noite, em minha última viagem de 1948, despertou-nos um lamento dilacerador que vinha da ribeira. O capitão Climaco Conde Abello, que era um dos grandes, deu ordem de procurar com refletores a origem de semelhante dilaceramento. Era uma fêmea de manati que ficara presa aos galhos de uma árvore caída. Os vaporzinhos⁵ se atiraram na água, amarraram-na com um cabrestante, e conseguiram desencalhá-la. Era um animal fantástico e enternecedor, de quase 4 metros de comprimento, e sua pele era pálida e macia, e o torso era de mulher, com grandes tetas de mãe amantíssima, e de seus olhos enormes e tristes brotavam lágrimas humanas. Foi do capitão Conde Abello que ouvi pela primeira vez que o mundo ia se acabar se continuassem a matar os animais do rio, e proibiu disparar de seu barco. (Márquez, 2020, p. 263).

Assim, por mais que o encalhamento do manati fêmea não esteja, no trecho, totalmente relacionado a uma intervenção humana na natureza, a manifestação do capitão Abello anunciava que, naquele tempo, começava a prática de caçar e matar os animais do rio. Percebe-se o início de uma atitude predatória, que rompe o equilíbrio anteriormente descrito, como uma ruptura na harmonia entre as espécies que habitavam o Magdalena e o seu entorno.

A partir desse trecho da crônica, já é possível refletir sobre como as ações humanas têm sido determinantes no processo de deterioração da natureza, sendo que muitas consequências das atividades antrópicas são irreversíveis (como a extinção de diversas espécies) e começam a afetar, cada vez mais acentuadamente, a vida no planeta, como é o caso das mudanças climáticas. Nesse sentido, é possível discutir, por meio de “O rio da vida”, o conceito de

⁵ No início da crônica, o narrador esclarece que os tripulantes dos navios que subiam o rio Magdalena eram chamados de “vaporzinhos” nas cantinas e bordéis de Barranquilla (cidade litorânea) a fim de não serem confundidos com os marinheiros do mar.

Antropoceno, a fim de verificar como muitos cientistas já atribuem à espécie humana impactos definitivos na Terra.

Para uma parcela da comunidade científica, o Holoceno - termo que vem do idioma grego e significa “inteiramente recente” - é, dentro de uma escala de tempo geológico, a época atual do período Quaternário da era Cenozoica, que teve início há cerca de 11.650 mil anos e é marcada como um período quente. Donna Haraway (2016), ao citar a antropóloga Anna Tsing, explica que o Holoceno corresponderia a uma época em que diversos grupos de espécies, humanas ou não, poderiam reconstituir-se após eventos extremos, como desertificação e desmatamento, pois ainda haveria abundantes locais de refúgio para sustentar e reformular a diversidade cultural e biológica.

Em contrapartida, nas últimas décadas, a chamada “natureza barata” está próxima do fim, pois ela já está esgotando sua capacidade de sustentar a extração e a produção no e do mundo contemporâneo, visto que a maioria das reservas do planeta foram drenadas, queimadas, esgotadas, envenenadas, exterminadas. Desse modo, Haraway acredita que a destruição dos espaços-tempo de refúgio para os seres humanos e para outros seres tenha dado fim ao Holoceno, cedendo lugar para o Antropoceno. Para a estudiosa, mais do que uma época, o Antropoceno seria um evento-limite caracterizado por descontinuidades graves, pois o que está por vir jamais será como o que existia antes.

O termo, derivado do grego *anthropos* (humano) e *kainos* (novo), foi proposto inicialmente no ano 2000 durante um encontro do International Geosphere-Biosphere Programme (IGBP), no México, pelo químico atmosférico Paul Crutzen, ganhador do Prêmio Nobel de química em 1995. Na obra *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*, Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro (2014) explicam que Paul Crutzen e o biólogo Eugene Stoermer entendem o Antropoceno como uma nova era geológica que seguiu o Holoceno e que teria se iniciado com a Revolução Industrial e se intensificado após a Segunda Guerra Mundial. Nesse contexto, o Antropoceno, embora tenha começado com a espécie humana, provavelmente terminará sem ela, pois resultaria em sua aniquilação à medida em que o *Homo sapiens* passou da condição de agente biológico para o status de uma força biológica destruidora, capaz de dissolver os próprios recursos que garantem sua sobrevivência.

De acordo com Bruno Latour (2014), enquanto o Holoceno contava com os Humanos, o Antropoceno, denominado pelo autor como um “estado de guerra”, é dominado pelos Terráqueos ou Terranos. Essa guerra existe em função da definição e do controle da Terra: os partidários de que ainda nos encontramos no Holoceno contra os Terranos que confirmam a

existência do Antropoceno. Latour comenta que, para muitos historiadores da ecologia, não há nada de muito novo no conceito de Antropoceno, e eles têm razão, pois os conflitos por territórios e seus recursos são tão antigos quanto a raça humana, e os alertas em torno das consequências desse movimento são tão remotos como a Revolução Industrial. Contudo, a grande novidade seria a colaboração incomum de diferentes áreas do conhecimento, como a geologia, a história, a geo-história, a política e a filosofia, e a capacidade dessa nova época de modificar simultaneamente os quadros espaciais e temporais nos quais a ação está situada. Isso justifica o potencial da literatura e da arte em si de trazerem à tona discussões em torno de uma virada epistemológica na existência humana, marcada pela interferência acentuada do homem na natureza – o Antropoceno.

Desse modo, o poder humano em destruir a natureza, característica de uma era antropocênica, é abordado por Márquez na sequência da crônica:

O rio Magdalena está morto, com suas águas envenenadas e seus animais exterminados. Os trabalhos de recuperação de que o governo começou a falar – desde que um grupo concentrado de jornalistas pôs o problema na berlinda – são uma farsa para distrair a atenção da opinião pública. A recuperação do Magdalena só será possível com o esforço continuado e intenso de pelo menos quatro gerações conscientes: um século inteiro. (Márquez, 2020, p. 264).

Esse excerto, que descreve um cenário totalmente antitético em relação às memórias que o escritor colombiano guardava do rio de seu país, mostra o processo de deterioração da natureza promovido pelas ações humanas, que será melhor descrito nas próximas passagens da crônica. Assim, é interessante notar que a tomada de consciência de Márquez a respeito da morte do Magdalena nos anos 1980 justifica-se pelo fato que apenas nas últimas décadas do século XX as modificações antrópicas que alteram o equilíbrio planetário tornaram-se fenomenologicamente mais palpáveis e perceptíveis, como mudanças no clima, alterações nas características das quatro estações, o desaparecimento e/ou escasseamento de certas espécies animais, e os intentos em reverter situações de poluição e degradação, que na maioria das vezes não são tratados pelo poder público e pela maioria da população com a devida seriedade.

Ademais, é evidente que a deterioração do Magdalena e seu entorno era algo que vinha incomodando o colombiano, principalmente pelas memórias afetivas que possuía acerca daquele curso de água. Em *O amor nos tempos do cólera*, publicado em 1985, quatro anos após “O rio da vida”, o narrador descreve a viagem que finalmente uniu Fermina Daza e Florentino Ariza e traz percepções que confirmam o estado precário no qual essas águas fluviais se encontravam:

O rio ficou turvo e se foi estreitando cada vez mais, e, em vez do emaranhado de árvores colossais que assombrara Florentino Ariza na primeira viagem, havia planícies calcinadas, destroços de selvas inteiras devoradas pelas caldeiras dos navios (...). Durante a noite não eram despertados pelos cantos de sereia dos peixes-bois nas pontas de areia, e sim pela baforada nauseabunda dos mortos que passavam boiando rumo ao mar. (...) Em lugar da algaravia dos louros e do escândalo dos micos invisíveis que em outros tempos aumentavam o bochorno do meio-dia, só restava o vasto silêncio da terra arrasada. (Márquez, 2020, p. 383).

Nesse excerto, é possível identificar alguns elementos coincidentes em *O amor nos tempos do cólera* e “O rio da vida”, como os manatis (provavelmente, por uma questão de tradução, aqui figuram como peixes-bois), a presença de cadáveres humanos, que aparecerão na sequência da crônica, e o desaparecimento da fauna local, cujos sons deram lugar ao silêncio. Por mais que o romance seja uma narrativa fictícia, é evidente a intrusão da real situação do Magdalena nesse e em outros trechos do romance, afetada pela interferência humana, especialmente pela derrubada de árvores para serem convertidas em lenha, combustível das frotas de navios. Florentino Ariza, protagonista do enredo e presidente da Companhia Fluvial do Caribe, mal lia os informes alarmantes das condições do rio e tranquilizava os sócios de que quando a lenha acabasse já haveria navios de petróleo. Surge, assim, uma fina ironia do narrador - por mais que *O amor nos tempos do cólera* jamais possa ser considerada uma obra ambientalista, já existiam nuances de denúncia em torno de uma situação em que o homem destruía seus recursos e, mesmo assim, pensava que as coisas poderiam ser facilmente revertidas. A inquietação reside apenas na manutenção das atividades econômicas, não há preocupação com a sobrevivência da fauna ou com a qualidade da água.

Desse modo, em “O rio da vida”, o próprio narrador admite que os trabalhos de recuperação do Magdalena propostos pelo governo da época não passaram de uma farsa para distrair a atenção da opinião pública. Isso porque a ideia de finitude dos recursos naturais e de irreversibilidade de uma situação ecológica trágica parece ser vista com ares de otimismo pelas pessoas em geral, tal qual Florentino Ariza, que acreditam na perenidade humana e na sua capacidade de superação e de sublimação. O conceito de declínio e de fracasso humano parecem irrealis e fantasiosos, uma forma de superstição supostamente muito distante da realidade.

Essa noção do *Homo sapiens* como um super-herói de sua existência, com capacidade infinita de se reinventar e criar soluções para qualquer tipo de adversidade, é explicada por Danowski e Castro (2014) a partir da concepção moderna do homem, entendido como um sujeito autônomo e elevado. No esteio dessa reflexão, a revolução científica do século XVIII teria tirado o ser humano de um mundo fechado e hierárquico para introduzi-lo ao um universo

infinito, democrático e racionalizado. Assim, na concepção moderna, o homem passou a deter um poder constituinte, a ser legislador autônomo e soberano da natureza, capaz de elevar-se para além da ordem fenomenal de causalidade que seu entendimento o condiciona:

(...) o “excepcionalismo humano” é um autêntico *estado de exceção ontológico*, fundado na separação autofundante entre Natureza e História. A tradição militante desse dispositivo mítico é a imagem prometeica do Homem conquistador da Natureza: o Homem como aquele ser que, emergindo de seu desamparo animal originário, perdeu-se do mundo apenas para melhor voltar a ele como seu senhor. (Danowski; Castro, 2014, p. 43, grifo do autor).

Nesse contexto moderno, o excepcionalismo humano, baseado em uma ideologia antropocêntrica, posiciona o homem em uma condição hierárquica superior em relação a todas as demais espécies do globo, e seu amplo poder legitima a degradação da natureza, justificada pela melhoria em sua qualidade de vida, mas também a possibilidade de reverter o quadro assim quando necessário, assim quando desejado. Essa percepção, que perdura até a contemporaneidade, pode ser encarada como uma grande dificultadora na tomada de ações concretas para evitar a extinção de espécies e o esgotamento dos recursos hídricos, como é o caso do Magdalena. Dessa maneira, Danowski e Castro resgatam os argumentos de Bruno Latour de que a separação entre homem e mundo traz como consequências duas figuras míticas complementares: a desapareição do mundo, absorvido pelo sujeito e transformado em seu objeto, ou a desapareição do sujeito, absorvido pelo mundo e transformado em um mero artefato orgânico em meio a outras coisas. Por esse motivo, as teorias relacionadas ao conceito de Antropoceno costumam desaguar em um cenário apocalíptico, de fim dos tempos, especialmente para a espécie humana e para muitas outras cuja existência já se encontra ameaçada – em sua crônica, Márquez corrobora essa ideia: “o rio Magdalena está morto”, parece tarde demais para ressuscitá-lo, mas nem tudo está perdido, pois um trabalho de um século de duração poderia fazê-lo voltar à vida.

Ainda sobre a negação dos perigos que a espécie humana confere para os recursos naturais, Latour (2014) comenta que a recusa em se separar definitivamente Natureza e Humanidade tem paralisado os debates entre política e ciência desde o modernismo. Isso porque é amplamente difundida a ideia de que a ciência trata de fatos da natureza, enquanto a política envolve ideologia, paixões e interesses, e sua intrusão na ciência não poderia fazer outra coisa senão distorcer os fatos. Entretanto, o jogo político, inclusive na década de 80 na Colômbia, usa como artifício a falta de certeza científica para burlar o povo – assim, o sucesso dos

negacionistas consiste em plantar a dúvida, convencendo o grande público de que há um conflito entre ciência, política e os fatos em si.

Dessa forma, o movimento contemporâneo de pessoas a favor do questionamento das “verdades” científicas tem ganhado tanta relevância que Danowski e Castro (2014) as chamam de Singularitanos: preocupam-se pouco com a crise ambiental, que já está instalada ou, até mesmo, resolvida, graças à tecnologia e da capacidade de automutagênese humana. Representados por corporações como o *Breakthrough Institute*, na Califórnia, creem que os ecologistas são teóricos do decrescimento e identificam-nos como um conjunto de forças reativas que nega aos habitantes do planeta acesso à abundância de recursos que é de seu direito. Por isso, ao invés de frear as atividades econômicas, os Singularitanos propõem acelerá-las, para que o aumento da produção finalmente chegue a todos os indivíduos que tanto necessitam dela. Parece ingênuo, mas cada vez mais pessoas, mesmo que desconheçam o termo Singularitanos, acreditam que o aceleracionismo da economia seria capaz não só de melhorar a qualidade de vida da população em geral, como também de resolver, em um toque de mágica, as problemáticas ambientais da contemporaneidade.

Nesse sentido, a sequência da crônica marqueziana continua em tom cético e pessimista, evidenciando o quão urgente é o debate em torno da preservação da natureza e dos recursos naturais na América Latina:

Por outro lado, a poluição não afeta só o rio Magdalena, e sim todos os seus afluentes. São esgotos das cidades e dos povoados ribeirinhos que arrastam e ao longo do percurso acumulam dejetos industriais e agrícolas, animais e humanos, desembocando por fim no imenso mundo de porcarias nacionais em que se tornou Bocas de Ceniza⁶. Em novembro do ano passado, em Tocaima, dois guerrilheiros se jogaram no rio Bogotá fugindo dos militares. Conseguiram escapar, mas quase morreram infectados pela água. É por isso que os habitantes do Magdalena, sobretudo os da parte baixa, há muito não tomam nem usam água pura nem comem peixes sem risco. Só recebem – como dizem as senhoras – merda pura. (Márquez, 2020, p. 264).

Já na década de 1980, Márquez reflete sobre a problemática da poluição que afetava não apenas o rio Magdalena, como todos os seus afluentes, fruto da inconsequência das atividades agrícolas e industriais humanas. Segundo Haraway (2016), o ponto de inflexão das consequências que mudam o nome do “jogo” da vida na Terra de Holoceno para Antropoceno vai além das mudanças climáticas e abarca também a carga de produtos químicos tóxicos, mineração e esgotamento dos lagos e rios, sob e acima do solo, da simplificação dos

⁶ Bocas de Ceniza é o ponto em que as águas do rio Magdalena desaguam e encontram o Mar do Caribe, em Barranquilla.

ecossistemas, do genocídio de pessoas e outros seres, que em padrões sistematicamente ligados podem gerar repetidos e devastadores colapsos no sistema.

Dessa forma, sabe-se que a questão da poluição dos rios não é exclusiva da Colômbia, mas reflete a realidade de vários países em todo o mundo, como é o caso do Tietê, em São Paulo, do Ganges, na Índia, do Songhua, na China, entre outros. Suas consequências são diversas, pois além de tornarem a água imprópria para consumo, impedem a reprodução equilibrada dos animais e causam um efeito em cadeia que prejudica o bom funcionamento dos ecossistemas como um todo.

Danowski e Castro (2014), trazendo à tona a teoria de Johan Rockström publicada na revista *Nature*, mostram os nove processos biofísicos do Sistema Terra e como os cientistas tentaram estabelecer limites para cada um deles: mudanças climáticas; acidificação dos oceanos; depleção do ozônio estratosférico; uso de água doce; perda de biodiversidade; interferência nos ciclos globais e nitrogênio e fósforo; mudança no uso do solo; poluição química e taxa de aerossóis atmosféricos. Segundo Rockström, se apenas um limite for ultrapassado, os outros também correm sérios riscos, e ele acredita que três desses processos já se encontram em níveis fora de uma zona de segurança: a taxa de perda da biodiversidade, a interferência humana no ciclo de nitrogênio e as mudanças climáticas.

Nesse contexto, a preocupação de Márquez com o Magdalena e seus afluentes é válida na medida em que a preservação das reservas de água está diretamente relacionada com a manutenção de outros vários limites, como o cuidado com a água doce, a perda da biodiversidade – já é evidente que muitas espécies que habitam o rio e seu entorno estão morrendo e desaparecendo –, o ciclo do nitrogênio (o excesso de nitrato favorece a multiplicação de algas, que dificultam a luz de penetrar no rio, causam a morte de plantas aquáticas e, assim, um desequilíbrio na cadeia alimentar), a poluição química e alterações no solo. Por isso, manter a harmonia vital do Magdalena é imprescindível, pois quaisquer alterações em suas condições primeiras são capazes de desequilibrar outros processos biofísicos.

Desse modo, tanto a política colombiana como os industriários e agricultores são, conforme a crônica de Márquez, responsáveis e coniventes com a poluição do Magdalena pois, para eles, o desenvolvimento das atividades econômicas deve suplantar a preservação da vida. Nessa visão, a economia é capaz de gerar capital, enquanto preservar as espécies vegetais e animais, *a priori*, não apresenta o potencial imediato de serem convertidos em ganhos financeiros. Sobre essa questão, o pesquisador Gabriel Giorgi (2011) comenta que, no sistema

capitalista, os corpos viventes, não apenas os animais como também os homens, são transformados em mercadorias, em algo intercambiável e eventualmente sacrificável em prol de um cálculo econômico – entendamos aqui a palavra “sacrificar” não apenas como a morte em si, mas como qualquer tipo de sacrifício que valha o lucro, como a destruição dos *habitats* naturais, por exemplo.

Diante disso, Danowski e Castro (2014) esclarecem que, embora a tentativa da episteme moderna de distinguir, desde o século XVII, entre as ordens cosmológica e antropológica tenha fracassado, parece continuar havendo uma distinção entre a evolução da espécie e a história do capitalismo; porém, é sempre na dinâmica de mercado que se encontram as contas mais relevantes: “a bela estratificação sociocosmológica da modernidade começa a implodir diante de nossos olhos. Imaginava-se que o edifício podia se apoiar apenas sobre seu andar térreo, a economia, mas eis que nos esquecemos das fundações” (Danowski; Castro, 2014, p. 27).

Assim, os autores explicam que, se considerarmos que nossa espécie é de aparição recente no planeta e que a história tal qual a conhecemos é mais recente ainda, com o desenvolvimento da agricultura, das cidades e da escrita, o modo de vida industrial, com uso intensivo de combustíveis fósseis, iniciou-se menos de um segundo atrás, segundo o relógio evolutivo do *Homo sapiens*. Por esse motivo, a humanidade em si pode ser considerada uma catástrofe, um evento súbito e devastador na história planeta que desaparecerá mais rapidamente do que as mudanças que terá suscitado no regime termodinâmico e no equilíbrio biológico da Terra. E a questão mais lamentável é que, apenas no Antropoceno, há uma força geológica determinante inteiramente consciente de seu papel – ou, seja, o homem tem ciência de que sua força tem sido destruidora, com ações irreversíveis, mas prefere seguir negando a possibilidade de fim para acelerar o desenvolvimento econômico.

Na época da publicação de “O rio da vida”, em que o debate em torno da destruição da natureza não estava tão acalorado como hoje, Márquez já se preocupava com um possível projeto de despoluição das águas, que deveria reunir diversos esforços, inclusive de autoridades, para a obtenção de sucesso:

A tarefa é descomunal, mas isso é talvez sua melhor parte. O projeto completo do que é preciso fazer está num estudo realizado há alguns anos por uma comissão mista da Colômbia e da Holanda, cujos trinta volumes dormem o sono dos injustos nos arquivos do Instituto de Hidrologia e Meteorologia (IMAT). O subdiretor desse estudo monumental foi um jovem engenheiro antioqueno, Jairo Murillo, que consagrou a ele metade da vida, e antes de concluí-lo entregou o que estava pronto: morreu afogado no rio dos seus sonhos. Em compensação, nenhum candidato presidencial dos últimos anos correu o risco de se afogar nessas águas. Os habitantes dos povoados ribeirinhos – que nos próximos dias vão estar na primeira linha de intenção nacional com a viagem da *Caracola* – deveriam estar conscientes disso. E lembrar que de Honda até

a Bocas de Ceniza há votos suficientes para eleger um presidente da República. (Márquez, 2020, p. 264-265, grifo do autor).

Em 1981, em um tom um tanto irônico, Márquez já apontava a necessidade de se estabelecer uma grande força-tarefa para promover a despoluição do rio Magdalena. Em reportagem de outubro de 2021, a revista colombiana *Semana*⁷ apresentou informações sobre a atual situação do projeto, que ainda não foi concluído e encontra entraves para sua efetivação. Destacando o potencial do ecossistema e sua rica biodiversidade, a revista destaca o Magdalena como um dos motores da economia colombiana, pois sua bacia gera cerca de 80% do PIB do país, mas frisa a necessidade de recuperar a navegabilidade de suas águas por meio de projetos alinhados a um enfoque sustentável, que contribuam para sua recuperação frente a um processo de deterioração ambiental.

Nesse sentido, é evidente que a situação exibida na crônica “O rio da vida” na década de 1980 não é muito diferente do cenário atual, em que a urgência em se despoluir o Magdalena continua latente; sabe-se de sua importância para a preservação da biodiversidade local e para o desenvolvimento econômico da região, mas faltam esforços concretos para que o contexto seja, ao menos, amenizado. A pauta ambiental torna-se assim um joguete entre empresas e entre os diferentes candidatos à eleição que, ironizados por Márquez, não se afogam no rio, ou seja, não mergulham a fundo nessas questões, que são pouco chamativas para os eleitores (a crônica ainda ironiza que os moradores das regiões banhadas pelo Magdalena são suficientes para eleger um presidente). Restam ações isoladas e individuais que, desprovidas de força suficiente, são incapazes de resolver todos os problemas e de reestabelecer um ambiente adequado para a sobrevivência das espécies de animais e vegetais.

Assim, com o desfecho da crônica, há uma quebra de expectativa em torno de seu próprio título; o Magdalena era, nas lembranças de Márquez, o rio da vida, que abrigava em suas águas e em suas margens diversas espécies de animais e plantas, com destaque para a fauna, que com seus sons e movimentos traziam ainda mais vivacidade para aquela região. Além disso, o Magdalena era vida porque possibilitava o transporte diário de milhares de pessoas que se locomoviam pelas cidades da Colômbia para estudar, trabalhar ou passear,

⁷ Embora haja um plano que visa investir cerca de 1,5 bilhão de pesos na despoluição do Magdalena, o ex-ministro do Meio Ambiente e professor emérito da Universidad de los Andes, Manuel Rodríguez Becerra, aponta que não há um estudo aprofundado do custo-benefício que mostre com clareza a exequibilidade do projeto, além do fato de que as mudanças climáticas apresentam riscos para sua implementação. Ademais, segundo Cláudia Vásquez, diretora da organização internacional e sem fins lucrativos *The Nature Conservancy*, o desenvolvimento econômico depende da saúde dos ecossistemas e, por isso, ambos devem caminhar juntos.

transformando a experiência da viagem em memórias afetivas para tantos colombianos, assim como Márquez. Entretanto, com as práticas industriais e agrícolas desenfreadas dos seres humanos, típicas do Antropoceno, juntamente aos esgotos das cidades, o rio da vida converteu-se em rio da morte com suas águas poluídas, impróprias para consumo, para navegação e para a proliferação de animais. Dessa forma, até então, o Magdalena permanece vivo apenas nas lembranças dos colombianos, provavelmente apenas na mente dos mais idosos, que ainda se recordam dos tempos de outrora em que o rio podia engendrar a vida.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, pode-se perceber que a obra de Gabriel García Márquez é entremeada por suas histórias e vivências pessoais na Colômbia, além de abordar muitas das problemáticas da América Latina. Assim, a crônica “O rio da vida”, embora esteja voltada especificamente para o contexto do rio colombiano Magdalena, é o retrato da situação de descaso ambiental com muitos outros cursos de água de todo o planeta. De acordo com Enrique Dussel (2016), a morte da natureza é o suicídio coletivo da humanidade, o que é agravado pelo fato de que a cultura moderna se globaliza e nada aprende a respeito da natureza com outras culturas, as quais seriam aparentemente mais “primitivas” ou “atrasadas”, segundo os parâmetros vigentes de desenvolvimento.

Nessa perspectiva, é importante destacar o papel que a literatura assume no esteio dessa reflexão. Análises como as que aqui foram desenvolvidas buscam discutir acerca da destruição da natureza e, conseqüentemente, de diferentes formas de vida. Para Alexandre Nodari (2015), a leitura pode constituir-se como uma linha de fuga das humanidades diante da crise do Humano, pois não lemos apenas para dar consistência ao mundo, sustentá-lo ou entendê-lo cientificamente e filosoficamente, mas lemos para ver que ele não é tão consistente assim e que podemos transformá-lo. Por isso, a leitura não se reduz aos textos escritos, é uma experiência de contato com o mundo, uma prática ético-política e ecológica – o que Nodari chama de antropologia especulativa.

Diante dessa questão, a leitura de “O rio da vida” não pode ser reduzida a um mero conhecimento das problemáticas ambientais da Colômbia, que podem ser estendidas aos outros países do globo, mas constitui uma forma de denúncia que permite ao leitor refletir sobre o papel do ser humano dentro dos sistemas do planeta. A consciência de que nossa espécie tem realizado alterações irreparáveis na Terra contribui para a aceitação da teoria do Antropoceno,

pois os sucessivos desgastes ao clima, ao solo, à água e ao ar evidenciam as ações de uma força geológica destruidora e, ao mesmo tempo, ciente dessas ações, que ocorrem voluntariamente. A tese de Márquez de que seria necessário um século para recuperar o Magdalena não soa como hipérbole, soa como uma percepção realista em torno da quantidade de esforços necessários para tentar fazê-lo voltar a um estado parecido do que já foi um dia.

Segundo Latour (2014), tanto a política como a ciência são atividades mundanas, modestas, prosaicas e frágeis, abertas à dúvida, à revisão e a equívocos. Entretanto, não se pode jamais permitir que atuem separadamente, pois:

sem os instrumentos da ciência, o corpo político jamais saberá quantas entidades desconhecidas é preciso levar em consideração. E sem a política, o mesmo corpo político jamais saberá ordenar, selecionar e ranquear aquele número desconcertante de agências com as quais ele tem de compor progressivamente um mundo comum – que é a definição que propus para a política com ciência. (Latour, 2014, p. 18).

Portanto, política e ciência precisam andar de mãos dadas, para que os conhecimentos cientificamente construídos, sejam eles de ordem biológica, humana ou social, possam ser politicamente aproveitados para incrementar a qualidade de vida de todas as espécies, não apenas da humana. Desse modo, por mais que, para Candido (1992), a crônica seja um gênero menor que não foi feito para durar, “O rio da vida” é capaz de despertar pertinentes reflexões a respeito das questões ambientais. Embora esteja longe de figurar entre os textos mais conhecidos e relevantes de Gabriel García Márquez, acende a luz de que o tique-taque do tempo está a correr, acelerado, rumo a um futuro desconhecido e, possivelmente, nefasto.

REFERÊNCIAS

BORGES, Margarida. Entre o boom e o Nobel: as identidades de Gabriel García Márquez na imprensa literária portuguesa. **O cabo dos trabalhos**: Revista Electrónica dos Programas de Doutoramento do CES/ FEUC/ FLUC, Coimbra, v. 3, n. 6, p. 1-25, 2011. Disponível em: <http://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n6/ensaios.php>. Acesso em: 27 out. 2014.

CANCLINI, Néstor García. **Latino-americanos à procura de um lugar neste século**. Tradução de Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CANDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, A. [et al]. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.

CONOZCA los proyectos que buscan el renacer del río Magdalena. **Semana**, Bogotá, 02 out. 2021. Disponível em: <https://www.semana.com/nacion/articulo/conozca-los-proyectos-que-buscan-el-renacer-del-rio-magdalena/202100/>. Acesso em: 17 dez. 2021.

DANOWSKI, Deborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2014.

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 51-73, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00051.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2021.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.

GIORGI, Gabriel. A vida imprópria. Histórias de matadouros. In: MACIEL, Maria Esther (Org.). **Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica**. Tradução de Thiago Braga. Florianópolis: Editora da USFC, 2011. p. 199-220.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCom Cultura Científica: pesquisa, jornalismo e arte**, Campinas, n. 5, p. 139-146, 2016. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4374761/mod_resource/content/0/HARAWAY_Antr opoceno_capitaloceno_plantationoceno_chthuluceno_Fazendo_parentes.pdf. Acesso em: 07 jul. 2022.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. O jornalismo mágico de Gabriel García Márquez. **Estudos em jornalismo e mídia**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 175-194, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2080>. Acesso em: 13 out. 2020.

LATOURE, Bruno. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 57, n. 1, p. 11-31, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/87702/90680>. Acesso em: 28 mai. 2022.

MARCEL, Angel. Macondo, o el infierno de la soledad. In: JOZEF, Bella (Org.). **Escritos sobre Gabriel García Márquez**. Rio de Janeiro: UFRJ/ Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas, 2010. p. 95-100.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2020.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Crônica de uma morte anunciada**. Tradução de Remy Gorga Filho. Rio de Janeiro: Record, 2014.

MÁRQUEZ, Gabriel García. La soledad de América Latina. In: JOZEF, Bella (Org.). **Escritos sobre Gabriel García Márquez**. Rio de Janeiro: UFRJ/ Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas, 2010. p. 9-13.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **O amor nos tempos do cólera**. Tradução de Antonio Callado. Rio de Janeiro: Record: 2020.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **O escândalo do século**. Tradução de Joel Silveira, Léo Schlafman e Remy Gorga Filho. Rio de Janeiro: Record, 2020.

MÁRQUEZ, Gabriel García. O rio da vida. In: _____. **O escândalo do século.** Tradução de Joel Silveira, Léo Schlafman e Remy Gorga Filho. Rio de Janeiro: Record, 2020. p. 261-265.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Relato de um naufrago.** Tradução de Remy Gorga Filho. Rio de Janeiro: Record, 2011.

NODARI, Alexandre. A literatura como antropologia especulativa. **Revista da Anpoll,** Florianópolis, n. 38, p. 75-85, 2015. Disponível em:
<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/836/791>. Acesso em: 03 mai. 2022.

PANTOJA, Óscar. et al. **Gabo:** memórias de uma vida mágica. Tradução de Leticia de Castro. São Paulo: Veneta, 2014.

PERA, Cristóbal. Nota do editor. In: GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **O escândalo do século.** Tradução de Joel Silveira, Léo Schlafman e Remy Gorga Filho. Rio de Janeiro: Record, 2020. p. 17-20.

Submetido: 13/07/2023

Aceito: 15/08/2024